



UEPB

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA

CAMPUS III

CENTRO DE HUMANIDADES

DEPARTAMENTO DE LETRAS – CH

CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS – INGLÊS

LUCAS FELIPE DA COSTA LUIS

**FORMAS PSICANÁLITICAS NAS ENTRELINHAS DE *ELECTRA HEART*, DE
MARINA E SEUS DIAMANTES**

GUARABIRA, PB

2020

LUCAS FELIPE DA COSTA LUIS

**FORMAS PSICANÁLITICAS NAS ENTRELINHAS DE *ELECTRA HEART*, DE
MARINA E SEUS DIAMANTES**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado à Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, Campus III, Guarabira, em cumprimento aos requisitos para obtenção do título de Licenciatura em Letras - Habilitação em Língua Inglesa.

Área de concentração: Literatura, discurso e psicanálise.

Orientador: Prof. Dr. Auricélio Soares Fernandes.

GUARABIRA, PB

2020

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

L953f Luis, Lucas Felipe da Costa.
Formas psicanálticas nas entre linhas de Electra Heart, de Marina e seus Diamantes [manuscrito] / Lucas Felipe da Costa Luis. - 2020.
27 p.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Inglês) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2020.
"Orientação : Prof. Dr. Auricélio Soares Fernandes, Departamento de Letras - CH."
1. Electra Heart. 2. Psicanálise. 3. Alter ego. 4. Arquétipo.
I. Título
21. ed. CDD 150.195

LUCAS FELIPE DA COSTA LUIS

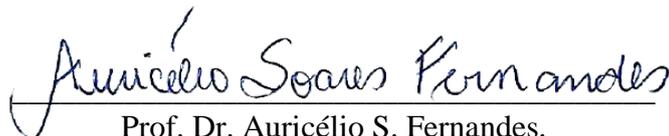
FORMAS PSICANÁLITICAS NAS ENTRELINHAS DE *ELECTRA HEART*, DE MARINA E SEUS DIAMANTES

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado à Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, Campus III, Guarabira, em cumprimento aos requisitos para obtenção do título de Licenciatura em Letras -Habilitação em Língua Inglesa.

Área de concentração: Literatura, discurso e psicanálise.

Aprovada em: 23/11/2020.

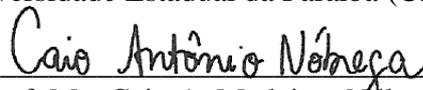
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Auricélio S. Fernandes.
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Me. Rafael F. Braz
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Me. Caio A. Medeiros Nóbrega
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

A meus pais que sempre me guiaram
pelo melhor caminho, incentivando o
meu melhor, DEDICO.

O inconsciente [...] parece ser dirigido principalmente por tendências instintivas, representadas por formas de pensamento correspondentes - isto é, por arquétipos. (JUNG, 2002, p. 78)

SUMÁRIO

1. Introduzindo.....	7
2. Aprofundando os conhecimentos psicanalíticos	9
2.1. Relação Arte/Psicanálise.....	9
2.2. Personas e Psicanálise.....	10
2.3. Alter ego.....	11
2.4. Arquétipo	14
3. As camadas de Electra Heart	15
3.1. <i>Bubblegum Bitch</i>.....	15
3.2. <i>Teen Idle</i>	18
3.3. <i>Fear and Loathing</i>	21
4. Considerações Finais	23
REFERÊNCIAS.....	24

**FORMAS PSICANÁLITICAS NAS ENTRELINHAS DE *ELECTRA HEART*, DE
MARINA E SEUS DIAMANTES**

**PSYCHOANALYTIC FORMS BETWEEN THE LINES OF *ELECTRA HEART*,
BY MARINA AND HER DIAMONDS**

Lucas Felipe da Costa Luis¹

RESUMO

Esse trabalho tem como objetivo discutir os temas abordados pela artista Marina and the Diamonds em seu disco lançado em 2012, *Electra Heart*, que se trata de uma história narrada pela própria personagem homônima. Durante as faixas do disco, Electra Heart personifica alguns arquétipos em busca de se encaixar na sociedade hipermoderna, encontrando apenas frustração por continuar sendo recebida de uma forma não desejada. É notável como o papel dos arquétipos, que aqui será discutido a partir dos estudos de Jung (2000), tem grande importância, pois graças ao inconsciente coletivo, percebemos que a sociedade sempre verá os arquétipos femininos de alguma forma deturpada, as tornando as reais vilãs aos olhos das pessoas ao seu redor. Nessa pesquisa também utilizamos estudos de Freud (1990), Bauman (2004), Gubert (2012), Rivera (2003), Faria (2008), entre outros, que abordam além do arquétipo, também a questão de personas, e arte na psicanálise, nos proporcionando embasamento para que possamos discutir nosso objeto de estudo.

Palavras-chave: Electra Heart; Psicanálise; Alter ego; Arquétipos.

ABSTRACT

This work aims to discuss the themes addressed by the artist Marina and the Diamonds in her *Electra Heart*'s album, released in 2012, that introduces the story of the homonymous character, narrated by herself. During the album's tracks, Electra Heart personifies some archetypes while she is trying to fit in to hypermodern society and end up finding only frustration at being received in an unwanted way. It is remarkable how the role of the archetypes, which will be discussed here based on the studies of Jung (2000), it matters a lot, because thanks to society's collective unconscious we can understand that the people from society will always see female archetypes in some distorted way, seeing them as the real villains of every story. In this research we also used studies from Freud (1990), Bauman (2004), Gubert (2012), Rivera (2003), Faria (2008), among others, that approach, besides archetype, the topic of personas and art in psychoanalysis, providing us a basis to discuss our object of study.

Keywords: Electra Heart; Psychoanalysis; Alter ego; Archetypes.

¹ Aluno de Graduação em Letras Inglês na Universidade Estadual da Paraíba - Campus III.
E-mail: lucasfel1998@gmail.com

1. Introduzindo

O álbum musical conceitual denominado *Electra Heart* (2012), lançado pela cantora Marina, apresenta variadas questões psicanalíticas em suas entrelinhas que podemos notar. *Electra Heart* é a protagonista da história de sua vida ficcional, narrada por ela mesma durante as faixas do disco. A partir do primeiro contato com o projeto, devemos manter clara a diferença entre a personagem e a artista, que são completamente diferentes, sendo assim, a existência de *Electra Heart* se dá apenas pelo viés artístico.

A partir do lançamento do primeiro vídeo promocional, o da canção *Fear and Loathing*², até o fim de sua turnê *The Lonely Hearts Club Tour*, representando o fim da era, Marina encarnou a personagem *Electra Heart*, que é representada essencialmente pelo coração na bochecha, durante os anos de 2012 e 2013. Marina (2012) não é a primeira e com certeza não será a última artista que produziu um álbum conceitual. Outros exemplos de artistas que elaboraram projetos conceituais em suas carreiras a partir da criação de *personas* são diversos, como David Bowie, Beyoncé, Madonna, Lady Gaga, entre outros.

Marina atualmente (2020) tem quatro discos lançados oficialmente e todas as obras criadas por ela trazem críticas à sociedade atual e ao patriarcado. Antes de *Electra Heart* (2012), o segundo álbum de estúdio de Marina, ela lançou *The Family Jewels* (2010) que traz canções como *Hollywood*³ e *Seventeen*⁴ que respectivamente se apresentam como crítica ao estilo de vida americano e ao patriarcado que se mostra ainda presente no mundo. Após o lançamento de seu segundo disco, em 2015 Marina lançou *Froot* onde demonstra um lado mais íntimo de sua carreira enquanto usa metáforas de frutas para demonstrar seus sentimentos. Logo depois, lançou *Love + Fear* (2019) em que divide o álbum em duas partes, onde numa falará respectivamente sobre os sentimentos derivados e providos do amor e dos sentimentos providos do medo. No disco que abordaremos nesse trabalho, Marina traz diversos detalhes, entre os quais destacamos a forma como cada canção representa arquétipos femininos específicos que coexistem na mesma persona, configuração essa que sugere que *Electra* sofre de Transtorno Dissociativo de Identidade com fortes traços melancólicos.

Desde o título do álbum podemos notar a referência a uma tragédia grega, *Electra*, que segundo Danielle K. L. da Costa (2012, p. 8) seria referente ao exagero emocional, o que é explicado pelo “sobrenome” da personagem, *Heart*, trazendo a confirmação do grande peso emocional que será carregado pela persona durante o disco. Esta elaboração emocional é marcada pela melancolia verbalizada nas canções e demonstrada nos videoclipes da artista.

Apesar de ser vista como um elemento primordial à sensibilidade poética, segundo Clara (2009, p. 2) a melancolia pode ser considerada como um subtipo de depressão, que, segundo a OMS (1993), pode ter diagnóstico auxiliado a partir da identificação dos seguintes sintomas: “concentração e atenção reduzida; autoestima e autoconfiança reduzidas; ideias de culpa; visões desoladas e pessimistas do futuro; ideias de suicídio; sono perturbado e apetite diminuído” (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE, 1993, p. 117). Conseguimos notar que a maioria desses

²Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=9txg0XicoJ0>>.

³Disponível em: <<https://genius.com/Marina-hollywood-lyrics>>.

⁴Disponível em: <<https://genius.com/Marina-seventeen-lyrics>>.

sintomas são externalizados através das letras de Marina em *Electra Heart*, em especial na *Teen Idle*⁵, cuja letra da canção discutiremos posteriormente.

Em suma, o nosso objetivo principal nesse estudo é analisar as concepções artísticas e psicanalíticas que Marina intentou levar ao público a partir da criação dessa personagem. Para tanto, iremos desenvolver uma análise a partir de algumas músicas presentes no disco de Marina (2012) a fim de conhecer mais sobre essa personagem em toda sua complexidade através de estudos da psicanálise sobre personas, identidade e gênero, abordados por Freud e Jung. Além disso, incluiremos outras perspectivas relevantes, segundo as mensagens implicadas nas músicas de Marina que discutiremos durante esse trabalho, a exemplo das sutis críticas sociais sobre a superficialidade e a falsidade das pessoas em seu redor.

Inicialmente nos questionamos se através dessas músicas e todo o conceito explorado nesse disco, a imagem de *Electra Heart* nos auxiliará a tornar a questão dos arquétipos femininos, trazida por Marina, um tópico mais fácil de se abordar na sociedade, nos fazendo refletir, de certa forma, sobre o tabu de conversar sobre a importância da liberdade de expressão feminina. Buscamos formas e métodos para discutir o que Marina expressa através de seu segundo álbum, a fim de abordar questionamentos advindos das mensagens que a artista elaborou na concepção artística de seu álbum, através da análise dos conteúdos das letras.

Os resultados provenientes desse estudo serão importantes para contribuirmos com uma área de pesquisa que é pouco explorada nesta universidade (UEPB) e até mesmo no Brasil: os estudos culturais aplicados à música na área de Letras. A realização desse artigo visa ampliar este campo de pesquisa com a contribuição das teorias desenvolvidas pela análise psicanalítica visto que esta é uma área de estudos de grande relevância na academia, principalmente, nesse caso, por tratarmos dos aspectos relativos aos arquétipos femininos presentes na sociedade elaborados em uma obra artística.

Acreditamos que trazer este assunto à tona a partir do estudo de *Electra Heart*, tornará mais compreensível o estudo de conceitos psicanalíticos, como arquétipos e alter egos, pois a música tem a capacidade de prender a atenção e causar curiosidade de grande parte do público. A forma artística musical traz a possibilidade de se trabalhar diversos assuntos com pessoas de todas as faixas etárias, assim como nesse caso, Marina apresenta nas canções desse álbum (2012) uma personagem com diferentes identidades, caracterizadas por Costa (2012) em quatro arquétipos:

[que] surgem para identificar tais múltiplas e várias identidades que se relacionam com o Sonho Americano, e também, para mostrar que é possível se reinventar outra e outra vez – criar outras identidades; o disco é definitivamente traduzido por identidades (COSTA, 2012, p. 14-15).

Vale ressaltar que o álbum *Electra Heart* trata de diversos pontos, mas focaremos apenas na discussão acerca da crítica à sociedade hipermoderna feita através dos arquétipos femininos, abordados pela persona *Electra Heart*. Por fim, buscaremos analisar nosso objeto de estudo a partir das questões sobre identidade e gênero, que serão abordadas por textos de Freud e Jung, pois acreditamos que através desse trabalho passaremos a entender melhor a complexa vida dessa persona criada por Marina.

⁵ Disponível em: <<https://genius.com/Marina-teen-idle-lyrics>>.

Com isso, em um primeiro momento apontaremos durante o início de nossas discussões as ligações entre arte e psicanálise; A seguir, apresentaremos considerações sobre os tipos de personas abordadas através do viés psicanalítico. Nesse contexto, apresentaremos considerações sobre personas, a partir do alter ego, utilizadas dentro e fora do mundo artístico, mas principalmente no meio musical; Logo depois, traremos o estudo dos arquétipos feito por Jung, considerado um dos principais estudos de psicanálise e representado em *Electra Heart*, como declara a própria Marina. Por fim, realizaremos um breve estudo de cada ponto para que assim possamos adentrar nas análises de algumas canções e conseqüentemente da persona criada por Marina: a *Electra Heart*.

2. Aprofundando os conhecimentos psicanalíticos

Entre as principais considerações teóricas empregaremos o estudo da psicanálise para que assim consigamos entender as particularidades produzidas por Marina sobre *Electra Heart*, como os quatro arquétipos que estão dentro da mesma persona homônima. Devido à constituição do nosso objeto de estudo como uma persona criada por uma artista, vamos propor um diálogo entre a arte criada pela cantora e algumas teorias da psicanálise.

2.1. Relação Arte/Psicanálise

Durante o processo de criação artística, muitos artistas privilegiam métodos fora do convencional para elaborar suas obras de forma inovadora para seu leitor, ouvinte ou espectador. Na música, podemos citar diversos artistas que durante décadas produziram álbuns com um tema diferente, nos quais buscaram formas de elaborar uma criação subjetiva que expõe sentimentos, e com isso muitas vezes concebendo um projeto inovador.

Como exemplo principal destaca-se David Bowie, que criou mais de 10 alter egos para seus álbuns. Outros exemplos são Madonna que procurou se reinventar através de ritmos e estéticas diferentes e que elaborou as personas de Dita Parlo e Madame X nos álbuns *Erotica* e *Madame X*, respectivamente; ainda no pop atual temos Lady Gaga como a representação de artista que se reinventa ao passar dos anos, entre outros.

Para discutirmos a questão da psicanálise dentro da arte utilizaremos o estudo *O sujeito na psicanálise e na arte contemporânea* de Tânia Rivera (2003) no qual a autora discorre sobre o sujeito na arte e na psicanálise, abordando também os estudos de Freud sobre o artista.

Segundo o estudo de Rivera (2003), o artista nada mais é do que sua obra; ele não existe sem suas criações (RIVERA, 2003, p. 16), logo o artista é sua obra. Assim, suas palavras sugerem que a obra (artística) resulta das concepções pessoais de cada artista e assim ele está “falando” de si mesmo, de forma autobiográfica; porém a obra irá se distanciar do eu do artista e se tornar um sujeito próprio que, como argumenta Freud ([1908] 1976), busca a criação do laço com o espectador, para que o outro possa se identificar com a obra do artista (apud RIVERA, 2003, p. 16).

Como exemplo, Tânia Rivera (2003) cita em seu estudo o livro *Exquisite Pain*, de Sophie Calle, escritora francesa que fez um experimento a partir de uma dor imensurável que passou ao descobrir uma traição de seu par amoroso. No livro, Calle

começa a perguntar a outras pessoas sobre qual a maior dor que ela já passou, ao conhecer outras pessoas ela começa a “curar” sua dor aos poucos.

A dor de Sophie não convoca a de seu interlocutor, dando voz à dor deste – assim como, fora do livro, à nossa? Uma obra seria então uma espécie de armadilha para o sujeito, uma captura deste que estaria, com sua dor e beleza, escondido de si mesmo. Captura do outro no eu, comemorando seu nascimento sempre doloroso, traumático, mas efetivo (RIVERA, 2003, p. 18).

Em seu processo elaborado no livro *Exquisite Pain* os leitores podem se identificar por motivo de grande parte deles já terem vivido alguma dor ou trauma que acreditassem nunca se curar ou passar, mas Calle elabora um testemunho de como passou por essa situação e encontrou uma forma de perceber que sua dor não é incurável.

Bem como ao citar Freud, Rivera (2003, p. 16) afirma que o “eu” do artista em sua obra se torna outro, e assim “seus atos dão prova de uma determinação inconsciente”, ou seja, os atos do artista em sua obra podem ser provas de um “eu” inconsciente dele, sendo este “eu” uma visão ou personagem criada para imitá-lo, mas que nunca, de fato, será o artista. Assim acrescenta Rivera (2003) ao afirmar que a psicanálise nasce no amplo contexto da crítica à mimesis que é explorada pela arte moderna e sendo assim, surgiu da necessidade de entender a complexidade do artista e entender que suas obras vão muito além do que eles aparentam ser.

Logo percebemos a psicanálise como um viés para analisar o que o artista diz ou o que pode ser apreendido de sua obra, seus traumas e vivências, muitas vezes até mesmo mostrando estar fora do seu “eu”, explicando como e através de qual ponto o artista teve a possibilidade de tocar seu público. A partir desse ponto, a psicanálise torna-se inegavelmente de suma importância nos estudos da concepção artística, pois com os diversos estudos feitos por especialistas na área, desde Freud (1923) a Jung (2000), se faz possível discutir obras artísticas de variados gêneros e mídias, como sonoras (como músicas e discos conceituais), verbais (como poemas, livros) e (áudio) visuais (como filmes, pinturas, etc.) a fim de compreender o que o artista pode transmitir aos outros com sua criação.

2.2. Personas e Psicanálise

O principal autor da psicanálise, Sigmund Freud, conceituou diversas teorias que envolvem o “eu”, ou como o teórico se refere, o ego. Em sua obra *O ego e o id* (1923) são elaborados os conceitos sobre a consciência do ser humano, visto que segundo o autor, todo conhecimento feito por nós, coletados a partir de nosso crescimento, está ligado à nossa consciência (FREUD [1923] 1990, p. 15), que se divide em três diferentes estágios, o id, o ego e o superego.

Em primeiro lugar, de acordo com Freud, o id é um tipo de estágio de consciência que já está intrinsecamente em todos nós. O id se refere ao papel do instinto primitivo, os desejos primários que todos temos dentro de nossa consciência.

Em segundo lugar, o ego é a construção feita de cada pessoa, independente, vindo das influências ao seu redor, feitas com base no id, que evolui desde o nascimento de cada um, a partir do contato com o mundo externo, principalmente com seus pais, que é o que vai montar sua personalidade pessoal:

É fácil ver que o ego é aquela parte do id que foi modificada pela influência direta do mundo externo, por intermédio do Pcpt.-Cs.; em certo sentido, é uma extensão da diferenciação de superfície. Além disso, o ego procura aplicar a influência do mundo externo ao id e às tendências deste, e esforça-se por substituir o princípio de prazer, que reina irrestritamente no id, pelo princípio de realidade. (FREUD [1923] 1990, p. 15)

Desta forma o ego é formado, segundo Freud, essencialmente pela educação dos pais na qual a criança é criada; logo, o essencial para a criança será baseado na realização e na felicidade, fatores que os pais esperam que ela alcance no seu desenvolvimento.

Já a terceira parte estudada por Freud é o superego, também denominado como “Ideal do Ego” (FREUD [1923] 1990, p. 17), ou ego ideal, e é considerada uma novidade que exige explicação. Em seu estudo, Freud traz uma explicação elucidativa sobre o superego como sendo o “Herdeiro do Complexo de Édipo” (FREUD [1923] 1990, p. 21), ou seja, a vontade dos pais é introduzida no ego da criança, transformando-se durante o seu amadurecimento em suas vontades e desejos próprios. Assim, o superego seria a criação desenvolvida sobre os seus próprios impulsos, vontades, desejos mais profundos e instinto impulsivo pessoal.

Estas três entidades formam o consciente e inconsciente de todos nós e esses estudos são utilizados pela psicanálise fundamentalmente para compreender mais profundamente a personalidade de alguma pessoa na clínica psicanalítica ou na análise psicanalítica de um personagem criado ou interpretado por alguém no contexto artístico, o que realizaremos neste presente estudo.

Em diferentes momentos uma entre essas três conceituações apresentadas será mais acentuada diante de nossas atitudes, como o instinto primitivo/natural do id, presente em nossas necessidades naturais; o ego criado a partir da nossa convivência com o mundo, com as atitudes que refletem no nosso viver; as vontades “exageradas”, os desejos mais profundos que refletem no nosso superego. Em suma se destaca o papel do ego em equilibrar nosso id e superego, para que seja feita a construção do nosso eu, único e pessoal sem desproporção, equilibrado.

Neste contexto podemos citar entre as disfunções e desproporções do papel do ego sob viés de diferenciação a questão das pessoas que tem TDI, como no artigo *O teste de pfister e o transtorno dissociativo de identidade*, de Marcelo Faria (2008), cujo estudo descreve os resultados de um teste em pacientes que vivem com esse transtorno. Faria (2008) descreve em sua pesquisa:

Conforme Prince (1905/1957), cada uma de suas personalidades secundárias era somente uma parte do ego normal e inteiro. A paciente mudava de personalidade de vez em quando, frequentemente de hora em hora, e em cada mudança seu caráter era transformado e suas recordações alteradas (FARIA, 2008, p. 361).

Neste caso relatado por Faria percebemos como cada personalidade secundária da paciente em questão eram fragmentos de seu ego inteiro, causando crises ao apresentar personalidades diferentes, em alguns momentos demonstra mais raiva, em

outros mais calma, o autor acrescenta ainda como cada personalidade também implica nas lembranças da paciente.

Diante disso é importante salientar a diferenciação entre a TDI e o alter ego, que será um dos conceitos psicanalíticos que discutiremos a seguir, a paciente relatada por Faria (2008) manifesta diferentes personalidades como um transtorno mental que não consegue controlar, enquanto alguns artistas escolhem utilizar o alter ego de forma completamente consciente para interpretar alguma persona e assim contar a história que deseja em sua obra.

2.3.Alter ego

Seria inviável começarmos a discutir sobre alter ego sem o estudo que realizamos anteriormente sobre id, ego e superego, pois só assim podemos começar a ter uma perspectiva sobre este aspecto. Diferentemente das três instancias apresentadas no item anterior, o alter ego surge como outro aspecto na dinâmica psicanalítica quando muitos artistas o utilizam na criação e montagem de uma segunda personalidade para diferentes finalidades.

Enquanto o ego se trata da própria essência, o ‘si mesmo’ que ninguém mais pode ter, o alter ego se trata do ‘si-mesmo como um outro’ (GUBERT, 2012, p. 76) que pode ter sido criado a partir do ego, porém muitas vezes o ego existente pode se situar por conta do alter (outro), que traz grande influência no ego em si: “a análise ricoeuriana⁶ se situa no fato de que a redução à esfera do próprio, efetuada por Husserl⁷, não pode ser pensada sem a interferência do outro” (GUBERT, 2012, p. 76). Logo, podemos assumir que mesmo com o nosso ego criado e evoluído, às vezes a criação de um alter ego tem como efeito uma experiência como se o eu finalmente se completasse com aquele “pedaço” dele que, de certa forma, sempre existiu.

A criação desse outro eu, para alguns artistas, surge com a finalidade de apresentar um novo/outro lado do artista, muitas vezes relacionado ao que ele quer mostrar ao público. O mesmo também ocorre em personagens fictícios como vemos no exemplo dos super-heróis presentes nas histórias em quadrinhos, como o Super-Homem, Homem-Aranha, entre outros, que precisam guardar sua identidade pessoal para atuarem como heróis. Esses personagens mantêm duas vidas completamente diferentes que não podem se conectar e para marcar a diferença, utilizam uma máscara ou uma roupa diferente do usual enquanto são os heróis, e que as despem quando voltam a ser “eles mesmos”.

No mundo artístico musical temos David Bowie, que no início de sua carreira buscava uma fórmula para conseguir uma junção entre o que poderia e gostaria de fazer e algo que o público desejasse, algo que assim poderia levá-lo ao estrelato como um ídolo definitivo (PUPO, 2016, p.103), neste contexto surge Ziggy Stardust, alter ego presente no álbum *The Rise and Fall of Ziggy Stardust and the Spiders From Mars* lançado em 1972, criado para representar um alienígena, que surge na Terra numa realidade distópica para trazer uma palavra de salvação aos seres do planeta, mas após

⁶Paul Ricœur: um dos maiores filósofos e pensadores franceses que desenvolveu contribuições para a fenomenologia e a hermenêutica, em diálogo constante com as ciências humanas e sociais. Seu trabalho está focado nos conceitos de significado, subjetividade e na função heurística da ficção, especialmente da literatura e da história.

⁷Edmund Husserl: foi um matemático e filósofo alemão que estabeleceu a escola da fenomenologia. O pensamento de Husserl influenciou de grande forma todo o cenário da Filosofia do século XX e XXI.

ser corrompido com os atos humanos, se tornando um rockstar, acaba tendo o seu fim no palco ao ser assassinado.

Assim, através de Ziggy, Bowie conseguiu trazer ao público um personagem que mistura androginia e heroísmo, tendo o essencial de um alter ego, que é a presença do seu próprio ego. Esse álbum foi um dos primeiros completamente conceituais criados no mundo da música e depois dele é possível identificar muitos alter egos elaborados em projetos artísticos, como Madonna que com o lançamento do disco *Erotica* e do livro *Sex*, em 1992, inspirada em uma atriz alemã de filme mudo, Marlene Dietrich apresenta uma personagem totalmente dominadora e sadomasoquista, o que pode facilmente ser percebido ao ouvir o álbum (COSTA, 2015, p. 4).

Além disso, o alter ego também pode servir ao artista como um método de mudar outras atitudes diante do público; como exemplo temos a cantora Beyoncé, que através do personagem criado para seu álbum *I am...Sasha Fierce* pôde apresentar ao público um alter ego utilizado para mostrar uma imagem feminina mais poderosa em seus shows:

O alter ego Sasha Fierce, primeiramente apresentada no álbum *I am... Sasha Fierce*, porém sempre aparecendo em seus shows, mostra o lado poderoso, grandioso e confiante, que Beyoncé incentiva todas mulheres a terem também. (COSTA; LUIS, 2018, p. 311)

Contrastando com seu íntimo, como demonstrado em documentários e entrevistas, Beyoncé criou Sasha Fierce para ser diferente do que ela normalmente é em seu dia a dia; Sasha é o alter ego que demonstra superioridade, que dança, canta e expõe a sensualidade do corpo feminino no palco.

Na última década, um dos exemplos de artista que utiliza do alter ego para descrever uma subjetividade ou contar uma história é a cantora Lady Gaga, que lançou em 2011 o videoclipe da música *Yoü and I*⁸. Na letra da canção, Gaga conta a triste história de amor perdido, já no videoclipe nos apresenta uma história de amor com toques ficcionais criados por ela. Quem nos conta essa história no clipe são personagens como Jo Calderone, o qual é a imagem da representação masculina que no clipe tem um romance com a própria Lady Gaga, possivelmente representando uma possível referência ao amor-próprio.

Num outro momento é mostrado Lady Gaga com um ator representando uma cena semelhante a criação do monstro na obra *Frankenstein*, de Mary Shelley (COSTA, 2015, p. 9), pois a artista se encontra presa levando choques, aparentemente com seu par amoroso tentando transformá-la. Logo após essa cena, somos apresentados a personagem nomeada de Yüyi, caracterizada como uma sereia, deitada em uma banheira, o que supostamente seria o “resultado” das experiências previamente mostradas. Neste videoclipe Lady Gaga permite que nós como espectadores, consigamos, através dos personagens, compreender a história que cada um deles está contando. Como alter egos, cada um tem suas peculiaridades e não apenas diferenças, mas também semelhanças do eu de Lady Gaga, possibilitando que a mensagem do trauma sofrido do amor perdido pela cantora, mostrado na canção, seja elaborada para todos que ouçam a canção e assistam ao videoclipe.

⁸Disponível em:<<https://www.youtube.com/watch?v=X9YMU0WeBwU>>.

Ainda a título de exemplificação mencionamos a cantora Sia que em seus projetos mais recentes opta por esconder o rosto e apenas lançar e mostrar sua voz e composições. Como vimos, muitas vezes para expor um pensamento ou um conceito planejado para uma obra, o artista lança mão do auxílio de outra(s) imagem(ns), diferente da sua para contar uma história, assim como David Bowie, Madonna, Beyoncé, Lady Gaga e muitos outros artistas fizeram e vão continuar fazendo por ser este um artifício relevante no meio artístico.

Como demonstrado, o alter ego amplia infinitamente as possibilidades do artista por não estarem totalmente presos em si mesmos podendo criar outros seres com outras possibilidades. A importância do alter ego dentro do processo criativo dos artistas amplia as possibilidades criativas de suas obras a partir do que suas mentes idealizam.

2.4.Arquétipo

Uma questão crucial que devemos pontuar é o conceito de arquétipo, o qual surgiu na área da psicanálise através do teórico Carl Gustav Jung, no livro *Arquétipos e o inconsciente coletivo* (2000). Para conseguirmos compreender a conceituação de arquétipo, antes precisamos entender que existem dois tipos de inconsciente em nós, o inconsciente pessoal e o coletivo:

Uma camada mais ou menos superficial do inconsciente é indubitavelmente pessoal. Nós a denominamos inconsciente pessoal. Este porém repousa sobre uma camada mais profunda, que já não tem sua origem em experiências ou aquisições pessoais, sendo inata. Esta camada mais profunda é o que chamamos inconsciente coletivo. Eu optei pelo termo "coletivo" pelo fato de o inconsciente não ser de natureza individual, mas universal; (...) em outras palavras, são idênticos em todos os seres humanos, constituindo portanto um substrato psíquico comum de natureza psíquica suprapessoal que existe em cada indivíduo (JUNG, 2000, p. 15).

Conforme argumenta o autor, cada um desses inconscientes é responsável por parte do nosso modo de pensar e agir. Logo, como apresentado por Jung, o inconsciente pessoal se trata da nossa própria experiência de vida, algo único e exclusivo de cada indivíduo, por outro lado o inconsciente coletivo é relacionado à experiência de todos nossos ancestrais sendo os conteúdos desse inconsciente chamados de arquétipos, designados como “imagens universais que existiram desde os tempos mais remotos” (JUNG, 2000, p. 16).

Dessa maneira podemos considerar os arquétipos como símbolos atemporais presentes no inconsciente de todos os indivíduos, desde os primórdios. Os arquétipos, segundo Jung (2000), são conduzidos de geração em geração principalmente através de mitos, lendas, contos de fadas, histórias infantis entre outros. Diante disso assimilamos as imagens e símbolos presentes em histórias contadas há diversas gerações e que fazem parte do inconsciente coletivo, constatando a presença dos arquétipos em nossa sociedade, desde sua origem remota.

Como exemplo de tal percepção na contemporaneidade, podemos notar que ao nos defrontarmos com a representação de uma mulher dona de casa que não trabalha e se preocupa apenas em cuidar de sua família, percebemos que a retomamos a significação da mulher como “perfeita” para o sistema patriarcal, idealizada e retratada em diversos filmes, novelas, séries de televisão e outros meios artísticos constituindo

perspectivas que reiteram ou transgridem os limites sociais sobre os arquétipos femininos. Como exemplo também temos a representação arquetípica relatada por Jung (2000) no livro *Arquétipos e o inconsciente coletivo* da Anima e do Animus, sendo o Anima o arquétipo que representa a parte feminina dentro psique masculina e o Animus o que representa a parte masculina dentro da psique feminina, simbolizando as qualidades, que todos têm, pertencentes ao sexo oposto.

3. As camadas de *Electra Heart*

A fim de que consigamos obter conclusões diante do disco *Electra Heart* (2012), da cantora Marina nossa análise se desenvolverá a partir das letras de algumas canções que integram o álbum. Por meio delas, iremos prover uma leitura dos aspectos do alter ego criado pela artista a partir de seus arquétipos caracterizados dentro de uma história com início, meio e fim, diante das quais cada uma das canções foi escolhida por um critério específico, pois apresentam questões importantes sobre os arquétipos femininos que permeiam o inconsciente coletivo.

3.1. *Bubblegum Bitch*

Got a figure like a pin-up,
got a figure like a doll
Don't care if you think I'm dumb,
I don't care at all
Candy bear, sweetie pie, wanna be adored
I'm the girl you'd die for (DIAMONDS, 2012)⁹

É importante analisarmos essa música por se tratar da abertura do disco, uma apresentação a quem é *Electra Heart* e como é sua vida. Nesses versos iniciais de *Bubblegum Bitch*, somos apresentados a algumas características principais da persona que está falando através desta canção. Logo no primeiro verso *Electra* revela-nos sobre sua aparência, que é como a de uma “*pin-up*”, figura clássica e muito utilizada no início do século XX na publicidade e no cinema e considerada o padrão de beleza que passou a ser mais apreciado na mídia após Marilyn Monroe e Bettie Page serem ícones dessa designação, nos anos 1950.

Fotografia 1: Marilyn Monroe



Fonte: GETTY IMAGES (1950)

⁹ Tenho a aparência de uma pin-up, tenho a aparência de uma boneca; não me importo se você acha que sou burra, não me importo mesmo; urso de gelatina, torta doce, quero ser adorada; eu sou a garota pela qual você morreria. (DIAMONDS, 2012, tradução nossa).

Fotografia 2: Bettie Page



Fonte: Music Box Films (1950)

A partir dessa primeira estrofe, Electra começa a mostrar como o inconsciente coletivo da sociedade concebe esse arquétipo feminino explorado por ela nesta canção. Segundo Jung (2000), é dito que:

Para aquilo que nos ocupa, a denominação é precisa e de grande ajuda, pois nos diz que, no concernente aos conteúdos do inconsciente coletivo, estamos tratando de tipos arcaicos - ou melhor - primordiais, isto é, de imagens universais que existiram desde os tempos mais remotos (JUNG, 2000, p. 16).

Logo, a ideia do inconsciente coletivo é abordada por Electra ao demonstrar perceber que a pessoa a quem está se dirigindo nos versos deduz que ela seja uma pessoa “limitada intelectualmente” por representar o arquétipo da *pin-up*, uma mulher fetichizada¹⁰ por homens principalmente por seu corpo e vestimentas.

Além disso, Electra compara seu corpo ao de uma boneca, exemplo do padrão de beleza por muitos anos e que marca a experiência feminina desde a infância, e assim corrobora para que diversas pessoas persigam constantemente a possibilidade de seu corpo se assemelhar ao das bonecas, tendo como consequência variadas frustrações visto que é comprovadamente impossível ter a aparência física de uma boneca¹¹.

I'll chew you up and
I'll spit you out
'Cause that's what young love is all about
So pull me closer and kiss me hard
I'm gonna pop your bubblegum heart
I'm Miss Sugar Pink, liquor, liquor lips
Hit me with your sweet love, steal me with a kiss
I'm Miss Sugar Pink, liquor, liquor lips
I'm gonna be your bubblegum bitch
I'm gonna be your bubblegum bitch (DIAMONDS, 2012)¹²

¹⁰“Em uma perspectiva histórica e etiológica, o Fetiche origina-se de “Fétiche”, termo derivado do francês, constituindo em tradução livre à língua portuguesa o significado de “feitiço”, traz em sua interpretação o suposto enfeitiçar (estar magicamente atraído por algo ou alguém, sem razões explicáveis a consciência).”(LOPES, 2019, p. 3).

¹¹Disponível em: <<https://fashionbubbles.com/beleza/saiba-por-que-e-impossivel-ter-o-corpo-da-barbie/>>.

¹²Vou te mastigar, vou te cuspir fora; pois é disso que se trata o amor jovem; então me puxe para perto e me beije forte, irei estourar seu coração de chiclete;/ Sou senhorita Açúcar Rosa, lábios de licor; me bata com seu amor, me roube com seu beijo; Sou senhorita Açúcar Rosa, lábios de licor; eu serei sua vadia de chiclete. (DIAMONDS, 2012, tradução nossa).

Posteriormente, Electra, nestes versos, aprofunda as características que a formam. Neste trecho, a personagem alude ao empoderamento feminino de utilizar seus atributos físicos para conquistar seus parceiros para um encontro amoroso efêmero quando faz referência à metáfora de uma goma de mascar, ao usar o melhor e descartá-lo depois que perder o “sabor”. Deste modo, Electra aborda a liquidez e à efemeridade das relações atuais, em que os parceiros amorosos só buscam o prazer imediato, o agora, sem pensar em algo duradouro; o que é explicado por Bauman (2004):

E assim é uma cultura consumista como a nossa, que favorece o produto pronto para uso imediato, o prazer passageiro, a satisfação instantânea, resultados que não exijam esforços prolongados, receitas testadas, garantias de seguro total e devolução do dinheiro. A promessa de aprender a arte de amar é a oferta (falsa, enganosa, mas que deseja ardentemente que seja verdadeira) de construir a “experiência amorosa” à semelhança de outras mercadorias, que fascinam e seduzem exibindo todas essas características e prometem desejo sem ansiedade, esforço sem suor e resultados sem esforço. (BAUMAN, 2004, p. 21-22).

Na contemporaneidade há pessoas que passam a vida buscando relacionamentos líquidos, onde realizam o prazer momentâneo, sem se importar com o futuro da relação. Conforme a citação acima, retirada de um estudo de Bauman sobre a liquidez nos relacionamentos, podemos notar a representação e a crítica realizada por Marina nessa canção sobre a efemeridade das relações sociais atuais, através da metáfora de mascar o chiclete apenas enquanto o sabor estiver presente.

Além disso, a referência recorrente à cor rosa ao longo da canção, quando Electra se autointitula “Miss Sugar Pink” reitera a referência à década de 1950, quando a cor era muito popular entre as *pin-ups*, até referenciado no conhecido videoclipe da canção *Material Girl*, de Madonna¹³.

Podemos lembrar que durante o refrão da canção, além de no próprio título, Marina utiliza o termo “vadia” para representar esse arquétipo, o que remete a significação em que pessoas prematuramente ao conhecer mulheres com características apresentadas como as do arquétipo dessa canção as consideram como “vadias”. Por outro lado, Electra também flerta com outros arquétipos durante essa canção, como a *Homewrecker*, ao citar que tem lábios de licor, dando a entender que quem a beijar irá se apaixonar.

Ao articular tais aspectos Electra demonstra tentar ser a mulher perfeita, dentro do arquétipo *beauty queen*, nesta estrofe a presença do alter ego criado para conseguir ser adorada por todos os homens, pois como vimos antes nesse trabalho, por Gubert (2012), o alter ego pode ser criado para mostrar uma personalidade diferente com um objetivo específico, muitas vezes criado por artistas para contar uma história, ou por pessoas comuns para ter atitudes diferentes.

Queentex, latex, I'm your wondermaid
Life gave me some lemons so I made some lemonade
Soda pop, soda pop, baby, here I come

¹³ Disponível em: <<https://youtu.be/6p-IDYPR2P8>>.

Straight to number one (DIAMONDS, 2012)¹⁴

Se por um lado, Electra utiliza características mais fetichistas para seu arquétipo *beauty queen*, utilizando itens como *Queentex*¹⁵ e látex¹⁶, presentes na idealização do arquétipo da dominatrix¹⁷. Por outro lado notamos a menção a *Wondermaid*, em tradução livre “empregada perfeita”, uma representação popularizada através do estilo de vida conservador americano dos anos 50, que enfatiza o arquétipo da mulher casada, a categorizando como perfeita e delegando a qualquer mulher que não se encaixe neste padrão um desvalor social. Aqui, a representação da mulher é aquela que cuida da casa e dos filhos, enquanto o homem trabalha.

Com isso, podemos notar que através desses arquétipos Marina intenta formular nos versos desta canção a personificação da mulher perfeita, ao apresentar dois dos arquétipos femininos sexualizados e adorados pelos homens.

Em seguida, a partir dos versos em alusão ao ditado “quando a vida lhe dá limões, você faz uma limonada”, a persona de Electra Heart continua sua caracterização dos arquétipos presentes, nos mostrando que quando a vida a oferece oportunidades, ela as aproveita. Tais versos podem fazer referência à sua beleza e sensualidade de seu corpo com ‘atributos volumosos’, o que geralmente atrai a atenção dos homens, subvertendo as expectativas do arquétipo da mulher perfeita mostrado anteriormente:

Oh, dear diary, I met a boy
 He made my doll heart light up with joy
 Oh, dear diary, we fell apart
 Welcome to the life of Electra Heart
 I think I want your, your American tan
 Oh, oh, oh I think you're gonna be my biggest fan
 Oh, oh, oh (DIAMONDS, 2012)¹⁸

Para finalizar essa canção, Electra simula uma conversa com seu diário, onde conta seus segredos, assumindo ter conhecido um garoto e logo depois cortado relações, novamente criticando a liquidez dos jovens na atualidade, para então conceber a dualidade da frase “*welcome to the life of Electra Heart*”, a qual poderia significar que essa situação é corriqueira em sua vida, mas também significar uma saudação de abertura “bem-vindo ao disco Electra Heart”, por se tratar da primeira faixa do álbum. Em seu último verso na canção, reitera ser o arquétipo da mulher perfeita ao reafirmar que todos irão se apaixonar por ela, se tornando seus maiores fãs.

3.2. *Teen Idle*

I wannabe a bottle blonde
 I don't know why but I feel conned

¹⁴Queentex, Látex, sou sua empregada perfeita; a vida me deu limões, então eu fiz limonada; refrigerante, refrigerante, querido, estou indo; direto para o primeiro lugar. (DIAMONDS, 2012, tradução nossa).

¹⁵Considerada parte de um pijama feminino, mais íntimo.

¹⁶Material com diversas utilidades, mas principalmente utilizada por fetichistas, muito presente em itens de Sex Shop.

¹⁷Mulher que exerce o papel dominante em práticas de BDSM, mas seu arquétipo basicamente se trata da mulher que domina seus parceiros de todas as formas.

¹⁸Querido diário, eu encontrei um garoto, ele fez meu coração de boneca brilhar de alegria; querido diário, nós terminamos; bem-vindo à vida de Electra Heart; eu acho que quero seu bronzeado americano; eu acho que você vai se tornar meu maior fã. (DIAMONDS, 2012, tradução nossa).

I wanna be an idle teen
 I wish I hadn't been so clean
 I wanna stay inside all day
 I want the world to go away
 I want blood, guts and chocolate cake
 I wannabe a real fake (DIAMONDS, 2012)¹⁹

Já nessa canção, notamos que Marina põe Electra dentro do arquétipo chamado *Teen Idle*, que se caracteriza com a temática da mulher considerada fracassada por não ter sido popular na escola ou tido um amor perfeito e hoje deseja ter vivenciado uma juventude diferente da que teve. Um dos aspectos que está presente na canção e nota-se a partir desta primeira estrofe é a forma como ela expressa insistentemente seus desejos por estar insatisfeita com quem é. Tudo que ela apresenta é querer ser uma pessoa diferente, com cabelo diferente, ter se divertido mais e aproveitado melhor sua juventude mesmo que reconheça a contradição que reside nesse arquétipo de “verdadeira farsa”.

Com o título *Teen Idle*, Marina traz um significado implícito que seria a semelhança com “*teen idol*”, uma expressão utilizada para nomear artistas que tem como público-alvo os jovens/adolescentes, o que encaixaria no arquétipo apresentado durante a canção que almeja ser popular, mas não consegue. O maior sentimento que Electra expõe como *Teen Idle* seria a solidão, a sensação de não ter ninguém por perto, como mostra Melanie Klein (1971):

Esse estado de solidão interna, eu acredito, resulta do anseio onipresente de um estado interno perfeito inatingível. Tal solidão, experimentada até certo ponto por todos, brota de ansiedades paranoides e depressivas provenientes das ansiedades psicóticas da criancinha. (KLEIN, 1971, p. 133)

Segundo a autora Klein, esse estado de solidão interna resulta da vontade de estar com tudo perfeito, inatingível, sensação essa que é criada a partir de suas ansiedades depressivas, o que é demonstrado por Electra nessa letra. Portanto o que Electra mostra durante esta canção, sua sensação de estar deslocada de seu meio, não se sentir aceita pela sociedade, além das fortes demonstrações depressivas, tudo se mostra estar correlacionado.

Yeah, I wish I'd been a
 Wish I'd been a teen, teen idle
 Wish I'd been a prom queen, fighting for the title
 Instead of being sixteen and burning up a bible
 Feeling super, super (super!) suicidal
 The wasted years, the wasted youth
 The pretty lies, the ugly truth
 And the day has come where I have died
 Only to find I've come alive (DIAMONDS, 2012)²⁰

¹⁹ Eu quero ser uma loira de farmácia, eu não sei o motivo mas me sinto enganada; eu quero ser uma adolescente ociosa, eu queria não ter sido tão comportada; eu quero ficar dentro de casa o dia inteiro, quero que o mundo vá embora; eu quero sangue, coragem e bolo de chocolate, eu quero ser uma mentira de verdade. (DIAMONDS, 2012, tradução nossa).

²⁰ Eu queria ter sido uma jovem ociosa; queria ter sido a rainha do baile, lutando pelo título, ao invés de ter 16 anos e estar queimando uma bíblia; me sentindo super, super suicida; os anos perdidos, a juventude

Outra das principais características desse arquétipo da Electra é a melancolia causada pela falta de amor-próprio, uma clara crítica ao efeito que a sociedade desencadeia nas subjetividades das jovens que não correspondem aos padrões de beleza ou de comportamento. A *Teen Idle* é o arquétipo que representa o conflito interior das mulheres que desejam ter o corpo perfeito ou o namorado perfeito, desejam ser populares e serem desejadas mas acabam não tendo a vida que sonham e como podemos notar no trecho acima, desenvolvem traços melancólicos e com sentimentos suicidas.

O desânimo, o desinteresse pelo mundo, a incapacidade de amar, a inibição e a diminuição da autoestima chegam ao ponto de encontrarem expressão na “autorrecriminação e autoenvilecimento, culminando numa expectativa delirante de punição” (Freud, 1917 [1915] /1969, p. 250). Esse conjunto, que pode até mesmo revelar uma expectativa delirante de punição e que expressa um caráter de escoamento do eu, sustenta-se sobre uma perda. Assim, Freud (1917 [1915] /1969, p. 251) aponta o processo melancólico a partir da perda de um “objeto amado”, ou melhor, “uma perda de natureza mais ideal” da qual não se tem notícias, pois não se conhece o que foi perdido. Essa perda está retirada da consciência. (FREUD, 1917 [1915] /1969; apud BRUNHARI; DARRIBA; 2014, p. 201)

A partir desta citação podemos notar como a perda do amor-próprio pode influenciar no processo melancólico de cada indivíduo. Algumas características, principalmente o desinteresse pelo mundo e a diminuição da autoestima, são apresentadas por Electra no arquétipo de *Teen Idle*, principalmente para mostrar como as mulheres sofrem dentro de seu psicológico para conseguir alcançar um padrão que poucas correspondem.

I wanna be a virgin pure
A 21st century whore
I want back my virginity
So I can feel infinity
I wanna drink until I ache
I wanna make a big mistake
I want blood, guts and angel cake
I'm gonna puke it anyway (DIAMONDS, 2012)²¹

Em contrapartida, nesta estrofe Electra expõe o lado mais sexual do arquétipo *Teen Idle* falando sobre sua virgindade perdida, além de falar sobre querer beber, lembrando festas e encontros clássicos americanos, muito representados por filmes de comédias de adolescentes nos EUA, onde “diversão, bebedeira e sexo” entre jovens são os principais temas abordados. Este subgênero do cinema americano divulga mundialmente de forma recorrentemente o padrão americano, considerando o alcance dessas representações diversas pessoas acabam desejando intensamente que este padrão seja alcançado em sua vida e que lhe proporcione o prazer infinito, mas cuja impossibilidade ocasiona a queda da autoestima de muitos jovens homens e mulheres.

perdida, as mentiras bonitas, as verdades feias; e o dia chegou no qual eu morri somente para descobrir que vim à vida. (DIAMONDS, 2012, tradução nossa).

²¹ Eu quero ser uma virgem pura, uma “vadia” do século 21; eu quero de volta minha virgindade para que então eu sinta infinidade; eu quero beber até cair, eu quero cometer um erro grande; eu quero sangue, coragem e pão de ló; eu irei vomitar isso de toda forma. (DIAMONDS, 2012, tradução nossa).

I wish I wasn't such a narcissist
 I wish I didn't really kiss the mirror when I'm on my own
 Oh God, I'm gonna die alone
 Adolescence didn't make sense
 A little loss of innocence
 The ugly years of being a fool
 Ain't youth meant to be beautiful? (DIAMONDS, 2012)²²

Nessa estrofe acima, Marina aborda o narcisismo²³ dentro da melancolia de *Teen Idle*, tal configuração é estudada por Freud, como destaca Santa Clara (2007):

Freud demarca na melancolia, juntamente com as ambivalências ódio e amor, sadismo e masoquismo, a presença de um caráter narcisista de escolha objetual, lembrando-nos, com base nessa demarcação, que o objeto só é conservado no psiquismo devido ao amor narcísico que o eu nutre por ele. (...) Freud, ao inserir a identificação com o objeto no contexto geral da melancolia, fala da predominância de um tipo de escolha objetual nessa afecção que se realiza sobre uma base narcísica, sendo a finalidade e a satisfação nessa escolha apenas o "ser amado". (SANTA CLARA, 2007, p. 139)

Conforme o argumento do autor, o amor-narcísico se manifesta na característica da melancolia, pois a perda do amor institui uma dor incipiente que orienta o sujeito a conservar o “ser amado”, objeto de sua identificação, dentro de si, involuntariamente retroalimentando a dor da perda. Nessa canção o narcisismo se apresenta a partir do sentimento de que a personagem se concentra demais em si mesma em seu autoerotismo, suas dores, seus desejos e insatisfações, mas gostaria que isso fosse diferente.

Nesta canção Electra evidencia diversos traços que completam o arquétipo apresentado como a necessidade de ser outra pessoa, de ter outras experiências em sua vida, ao sonhar ter a vida que os jovens ídolos da televisão têm. Tal processo de caracterização apresentam *Teen Idle* como uma das identidades conturbadas vividas por Electra Heart, as quais veremos de forma sintetizada na canção a seguir.

3.3. *Fear and Loathing*²⁴

I lived a lot of different lives
 Been different people many times
 I lived my life in bitterness
 And filled my heart with emptiness (DIAMONDS, 2012)²⁵

²² Queria não ter sido tão narcisista; queria não ter beijado o espelho quando eu estava sozinha; oh Deus, eu vou morrer sozinha; adolescência não faz sentido, um pouco de perda de inocência; os anos feios sendo uma tola; a juventude não era para ser bonita? (DIAMONDS, 2012, tradução nossa).

²³ “Para a teoria psicanalítica, no narcisismo o sujeito toma a si mesmo como objeto de amor, como o eu ideal, (...) O narcisista crê que é outro que está à sua frente quando, na verdade, é ele mesmo.” (SANTA CLARA, 2007, p. 139-140).

²⁴ Título da canção faz referência ao livro *Medo e delírio em Las Vegas: uma jornada selvagem ao coração do Sonho Americano* (título original: *Fear and loathing in Las Vegas*) escrito por Hunter S. Thompson, um clássico da contracultura americana.

²⁵ Vivi muitas vidas diferentes, fui pessoas diferentes várias vezes, vivi minha vida em amargura e preenchi meu coração com o vazio. (DIAMONDS, 2012, tradução nossa).

Na versão *standard* do disco de Marina, *Fear and Loathing* se encontra como a última canção, desempenhando o papel de desfecho para a história de Electra Heart, na qual ela consegue se encontrar entre as diversas camadas de arquétipos e assume que não quer mais continuar vivendo para os outros. Nessa canção Marina expõe os sentimentos e a vulnerabilidade de sua personagem de forma mais crua, conectando-se com todas as músicas anteriores, que nesse trabalho são representadas por *Bubblegum Bitch*, *Homewrecker* e *Teen Idle*, Electra fala sobre as diversas identidades (através de arquétipos) vividas em busca da aceitação da sociedade que a cerca.

Now I see, I see it for the first time
 There is no crime in being kind
 Not everyone is out to screw you over
 Maybe, yeah just maybe, they just want to get to know you
 And now the time is here
 Baby, you don't have to live your life in fear
 The sky is clear It's clear of fear
 Don't wanna live in fear and loathing
 I wanna feel like I am floating
 Instead of constantly exploding
 In fear and loathing (DIAMONDS, 2012)²⁶

Nesta estrofe, Electra reflete sobre a vida que estava vivendo e acaba percebendo que estava com medo da reação que as pessoas ao seu redor teriam com sua real identidade, sendo assim continuou procurando por arquétipos que conseguissem preencher a lacuna de cada pessoa com quem se relacionava.

No vídeo *The Archetypes*²⁷ Marina apresenta os principais arquétipos que Electra personificou em sua vida, citando *House Wife*, *Beauty Queen*, *Homewrecker* e *Idle Teen*, e a partir dessa canção, ao perceber que conseguirá se expressar sem necessariamente todos a atacarem, se propõe desprender-se de todas essas identidades e sair em busca de reconhecer qual é a sua real identidade, para que assim consiga viver sem medo.

Got different people inside my head
 I wonder which one that they like best
 I'm done with tryna have it all
 And ending up with not much at all (DIAMONDS, 2012)²⁸

Em *Fear and Loathing*, Electra consegue perceber como estava vivendo, se caracterizando como um arquétipo específico representado especialmente para certas situações, sejam elas amorosas ou sociais, e assim que não obtinha sucesso, recomeçava a buscar e encontrar um arquétipo próprio para lidar com esses momentos. Nesta linha de pensamento, podemos utilizar como base o artigo “*Os conceitos pós-modernidade e*

²⁶ Agora eu vejo, eu vejo isso pela primeira vez, não é crime ser gentil; nem todo mundo está por ai para ferrar você, talvez; é, apenas talvez eles só querem conhecer você; agora o tempo está limpo, querido, você não precisa viver sua vida em medo; e o céu está limpo, limpo de medo. Não quero viver em medo e delírio, quero sentir como se estivesse flutuando, ao invés de explodir constantemente em medo e delírio. (DIAMONDS, 2012, tradução nossa).

²⁷ Disponível em: <<https://youtu.be/Ww8IYVerLo4>>.

²⁸ Tenho pessoas diferentes dentro da minha cabeça, me pergunto qual delas será que eles gostam mais; estou farta de tentar de tudo e acabar com quase nada. (DIAMONDS, 2012, tradução nossa).

hipermodernidade em Gilles Lipovetsky” de Wallace da Costa Brito (2015) em que cita o filósofo Gilles Lipovetsky:

A hipermodernidade, com seu cenário de caos, incerteza, insegurança, incita a procura por significado, convicção e inserção grupal. [...] Se nas sociedades tradicionais o ser religioso era algo dado de antemão, inquestionável, definido; na hipermodernidade, há uma forma de apropriação a partir da qual os indivíduos são passíveis de questionamentos e mudanças (LIPOVETSKY; CHARLES, 2004, apud BRITO, 2015, p. 177).

Conforme o que foi dito por Brito, podemos considerar Electra Heart como um sujeito que acabou de sair da pós-modernidade e atualmente se encontra perdido dentro da sociedade hipermoderna. Podemos notar que em todas as canções analisadas anteriormente, Electra Heart se identifica e personifica diferentes personalidades, com isso podemos notar uma crise de identidade na tentativa reiterada de se posicionar dentro da nova sociedade que estava surgindo no século XXI. A hipermodernidade segundo a citação acima traz um cenário completamente novo, o que pode causar certa insegurança em algumas pessoas presentes na sociedade, sedentas por se encaixar no hipermodernismo. *Fear and Loathing* representa toda a luta que Electra teve até chegar onde está. Neste momento, ela pode olhar para tudo que já viveu e perceber que não quer ser como nenhum dos arquétipos vividos, agora Electra busca sua liberdade para assim vivenciar sua individualidade e identidade própria.

4. Considerações Finais

Em *Electra Heart*, Marina nos conta a história de uma mulher presente na sociedade hipermoderna que está buscando formas para encontrar seu lugar na “nova” sociedade e acaba se encontrando dentro de uma crise de identidade. Após discutirmos as letras dessas canções escritas pela artista que formam a personagem principal desta história, Electra Heart, conseguimos identificar suas nuances de psicanálise.

Diante de sua vida e seus relacionamentos novos, Electra se depara com padrões de vidas femininas que aparentemente conseguem o que querem sem problema algum, como o alter ego que interpreta a partir do arquétipo *Beauty Queen* caracterizado pela beleza, utilizando como representações próprias a boneca, a mulher *pin-up* e a *wondermaid*, que faz todos se apaixonarem por ela e lhe conceder o que deseja, mas nesse arquétipo Electra se encontra dentro do que a sociedade tradicional considera ser uma mulher “burra” ou até mesmo “vadia”.

Em contrapartida quando tenta ser a *Homewrecker*, que vive em busca de novos relacionamentos líquidos sem se apegar a ninguém, com o objetivo de não acabar se decepcionando novamente, se depara com a impossibilidade de conhecer o que sempre sonhou: amor verdadeiro. Assim como em *Teen Idle*, que mesmo sendo o oposto dos outros arquétipos apresentados, que demonstra mais seus sentimentos melancólicos e sua vontade de ficar em casa, sonhando em ter uma vida diferente, a sociedade insiste em defini-la como uma pessoa fracassada, que não consegue o que deseja.

Por fim, na última canção do álbum, Electra finalmente encontra suas respostas e percebe o quanto quer se desprender dessas imagens já criadas e quer viver a sua própria verdade, sem se preocupar com o que vão dizer, pois nota que nem todos irão atacar ou julgá-la por ser assim. Através de sua história, podemos notar as críticas

sociais abordadas por Marina sobre os diversos padrões femininos existentes que implicam em pressões sociais sobre as mulheres desde sua fase infantil para que sempre estejam dentro de “caixas” fáceis de julgar e interpretar.

Sendo os arquétipos femininos presentes em nosso inconsciente coletivo desde os primórdios da sociedade, na obra objeto de análise são representados pela artista de uma forma crítica a fim de destrinchar a desigualdade social entre os gêneros. Visto que os comportamentos e estética dos arquétipos masculinos são julgados com demasiada condescendência pela sociedade patriarcal, que reage com aquiescência, por exemplo, quando algum homem trai sua esposa ou quando um jovem rapaz tem relações sexuais com várias mulheres antes de se casar, enquanto os arquétipos femininos têm um peso consideravelmente maior na sociedade, pois as mulheres sempre serão reprimidas e julgadas. Mas trazida à tona com a voz de seus desejos e seus processos de libertação, a mulher resiste à repressão e ao medo de ser difamada de alguma forma, como é mostrado por Marina através de *Electra Heart*.

A mensagem final que podemos interpretar de Marina se alinha ao objetivo de incentivar que seja naturalizada a liberdade de escolha das mulheres diante de seus desejos, seja *Beauty Queen* ou *Teen Idle*, *Homewrecker* ou *House Wife*, cada mulher deve ter a possibilidade de escolher e não se limitar devido aos discursos repressores presentes na sociedade contemporânea, pois na maioria das vezes eles são meios para rotular a todas.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Amor Líquido: Sobre a fragilidade dos laços humanos**/Zygmunt Bauman; tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

BRITO, Wallace da Costa. **Os conceitos pós-modernidade e hipermodernidade em Gilles Lipovetsky. Perspectivas em Psicologia**, Uberlândia, Volume 19, N. 2, pp. 155 - 182, 2015. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/perspectivasempsicologia/article/view/32500/17501>>. Acesso em: 29 de novembro de 2020.

BRUNHARI, Marcos Vinicius; DARRIBA, Vinicius Anciães. **O suicídio como questão: melancolia e passagem ao ato. Psicol. clin.**, Rio de Janeiro, v. 26, n. 1, pp. 197-213, 2014. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0103-56652014000100013>>. Acesso em 24 de outubro de 2020.

COSTA, Bianca dos Santos; LUIS, Lucas Felipe da Costa. **Beyoncé: um fenômeno pop do empoderamento**. In: III Simpósio de Gênero, Sexualidade e Educação: Multidões Queer: Corpo, Performance, Luta e Resistência. 3., Guarabira, 2018. (Anais eletrônicos), Guarabira: Amazon Digital Services LLC - Kdp Print Us, pp. 298-321, 2018.

COSTA, Ivan Andrey Farias; AQUINO, Agda Patrícia Pontes de. **O alter ego na cultura pop através do clipe Yoü and I**. In: XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste e I Intercom Junior: **Comunicação e Cidade**

Espetáculo. 17, Natal, 2015 (Anais eletrônicos). Natal: Intercom Sociedade Brasileira de estudos interdisciplinares em Comunicação, s.p., 2015.

COSTA, Danielle Katrine. **Electra Heart: Um retrato do sonho americano por meio dos arquétipos do álbum de Marina and the Diamonds.** (Artigo) Universidade Católica de Brasília. Brasília: 2012. Disponível em: <<https://pt.slideshare.net/dkatrine/electra-heart-um-retrato-do-sonho-americano-por-meio-dos-arquitipos-do-lbum-de-marina-and-the-diamonds>>. Acesso em: 29 de novembro de 2020.

DE A. FARIA, Marcelo. **O Teste de Pfister e o transtorno dissociativo de identidade.** *Aval. psicol.*, Porto Alegre, v. 7, n.3, pp. 359-370,2008. (Versão online) Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-04712008000300009&lng=pt&nrm=iso> Acesso em 24 de outubro de 2020.

DIAMONDS, Marina and the. **Electra Heart.** Estados Unidos: 679 Artists; Atlantic Records: 2012. 1 disco sonoro (46 min).

FREUD, S. (1923). **O Ego e o Id.** In: FREUD, S. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. v. 19. Rio de Janeiro: Imago, 1990.

GUBERT, Paulo Gilberto. **Alter Ego e Outrem: Ricoeur e o problema do outro. Thaumazein,** Santa Maria, ano V, n 10, pp. 75-88, 2012. (Versão online). Disponível em: <<https://doi.org/10.37782/thaumazein.v5i10.103>>. Acesso em: 24 de outubro de 2020.

JUNG, Carl Gustav. **O homem e seus símbolos / C. G. Jung e M.-L. von Franz...** [et al.]; tradução de Maria Lúcia Pinho - 6ª Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.

JUNG, Carl Gustav. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo / C.G. Jung;** tradução de Maria Luíza Appy, Dora Mariana R. Ferreira da Silva. 2ª Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

KLEIN, Melanie. **O sentimento de solidão: nosso mundo adulto e outros ensaios.** M. Klein; tradução de Paulo Dias Corrêa. 1ªEd. Rio de Janeiro: Imago, 1971.

LOPES, Yan de Jesus. **O fetiche na psicanálise freudiana.** *Psicologia.pt* O portal dos psicólogos, 2019. Disponível em: <<https://www.psicologia.pt/artigos/textos/A1355.pdf>>. Acesso em: 21 de outubro de 2020.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE (OMS). **Classificação dos transtornos mentais e de comportamento da CID-10:** descrições clínicas e diretrizes diagnósticas. Tradução de D. Caetano. Porto Alegre-RS: Artes Médicas, 1993.

PUPO, Saulo Atencio; **O Mito do Herói em ZiggyStardust.** XI Seminário de Pesquisa em Ciências Humanas- Estado e desafios didático-científicos. São Paulo, 2016. (Anais eletrônicos) São Paulo: Blucher Social Proceedings, v. 2, n. 4., s.p., 2016. Disponível em: <<http://pdf.blucher.com.br.s3-sa-east->

1.amazonaws.com/socialsciencesproceedings/xi-sepech/gt2_67.pdf >. Acesso em 24 de outubro de 2020.

RIVERA, Tânia. **O sujeito na psicanálise e na arte contemporânea. Psic. Clin.** Rio de Janeiro, v. 15, n.2, pp. 13-22, 2003. (Versão eletrônica). Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0103-56652007000100002>>. Acesso em: 24 de outubro de 2020.

SILVA Santa Clara, Carlos José da. **Melancolia: da Antiguidade à Modernidade.** Uma breve análise histórica. **Mental Revista de saúde mental e subjetividade da UNIPAC**, Barbacena, v. 7, n. 13, s.p. 2009 Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=42020844006>>. Acesso em: 24 de outubro de 2020.

_____. **Melancolia e narcisismo: a face narcísica da melancolia nas relações do eu com o outro.** **Mental Revista de saúde mental e subjetividade da UNIPAC**, Barbacena v. 5, n. 9, pp. 131-150, 2007. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-44272007000200009&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 24 de outubro de 2020.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por nunca ter me deixado desamparado, todos os dias mostrando tamanho da minha fé, provando que me fez capaz de superar os desafios. Por nesses quatro anos só ter colocado em meu caminho pessoas que levarei para o resto da minha vida com muito prazer e que me ajudaram a formar quem sou hoje. Agradeço também a meus pais por terem sempre estado presentes nos momentos mais difíceis da minha vida, e terem sempre lutado pelo meu melhor. À minha mãe, Rose Maria, por sempre ter me ensinado, literalmente, a viver, mostrando como podemos ser a nossa melhor versão e por ter me dado muito amor e carinho, que sempre buscarei retribuir até meu último dia. Ao meu pai, Sidinei, por sempre estar ao meu lado, e, por todo dia que fosse possível, me acompanhou até o ponto do ônibus que me transportava à universidade. Ao meu irmão, João Paulo por sempre ter me apresentado o amor pela língua inglesa e auxiliado desde criança, no que eu precisasse. Também agradeço a parentes que estão presentes em minha história sendo exemplos incríveis de vida e história, como Tia Valéria e Tio Ricardo.

Ao meu professor, orientador e amigo, Auricélio Soares, que a partir da primeira aula que assisti, se tornou um dos meus maiores exemplos de professor que desejo seguir os passos, provando a possibilidade de se ensinar com amor (ou com ranço), mas sempre com o comprometimento de passar seus conhecimentos. Por ter apresentado sempre a melhor parte da literatura e da arte. Sempre me apoiou a escrever sobre o que amo, enfatizando que sou capaz de chegar aonde eu quiser, basta ter comprometimento, garra e fé. O levarei sempre em meu coração.

A meus amigos formados na universidade, que auxiliaram a formar a pessoa que sou hoje. À Bianca, que apesar de ter sido a primeira amizade que fiz na UEPB, até hoje ela prova ser a amizade mais forte e duradoura. Sempre a levarei em meu coração pois foi uma das personalidades que mais implicaram em quem sou hoje; me ensinou a sempre ser a minha versão mais verdadeira possível, independente do que vão achar de mim; me fez voltar a ter uma paixão imensurável pela arte e agradeço por ela mostrar que sempre poderei contar com ela, independentemente do tempo que passamos distantes. Agradeço a minha querida Tami, por também estar sempre me ajudando quando eu preciso e mesmo estando longe, se manteve por perto em todos os momentos para chorarmos ou sorrirmos juntos, provando ser a melhor companhia possível para qualquer situação. À Bruno também agradeço pois nesses quatro anos tivemos uma linda troca de experiências que ajudaram um ao outro a formar nossa personalidade, e que sempre levarei em meu coração em todos os momentos.

Agradeço a todos que me ajudaram e incentivaram a chegar até aqui, não podendo esquecer de agradecer a amigos que também me ajudaram e de alguma forma serão sempre lembrados; como Sabryna, pois sem ela eu não teria conseguido me matricular no curso de Letras Inglês a tempo; Gerciane, por estar sempre me dando as melhores ideias; Wellington, por ter ajudado muito sobre relações e literatura, sempre me dado muito carinho e apoio, estando presente para o que eu precisar. Agradeço a Júlio por ser um dos maiores ícones que conheci e mesmo sendo tão novo, tem provado a cada dia que eu posso contar com ele para o que der e vier, principalmente contar com as melhores opiniões e dicas para melhorar qualquer ideia. E ícones também como Hícaro e Nevinha, com quem sei que posso contar em todos os momentos e sempre conseguem me fazer sorrir, Giovane e Mazé que sem dúvida fizeram parte da minha história com momentos incríveis.